O Livro da Mais Alta Verdade

João de Ruysbroeck

João de Ruysbroeck

O livro da mais alta verdade

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

Créditos

Título original: *Le livre de la plus haute vérité*

Autor : Jan van Ruysbroeck

Tradutor: Souza Campos, E. L. de

Da tradução do flamengo dos beneditinos de Saint Paul de Wisques, Oosterhout (Holanda).

© 2023 Valdemar Teodoro Editor : Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são permitidas, desde que citada a fonte.

O livro da mais alta verdade

João de Ruysbroeck

PRÓLOGO

O profeta Samuel chorou o rei Saul[1], mesmo que ele soubesse que Deus o tinha desprezado e rejeitado, com toda sua descendência, do reino de Israel, por causa do seu orgulho e de sua desobediência a Deus e ao Profeta enviado por ele. Lemos, por outro lado, no Evangelho[2], que os discípulos de Nosso Senhor pediram a ele que expulsasse a mulher pagã de Canaã, lhe concedendo tudo o que ela desejava, pois ela gritava atrás deles.

Por minha vez, posso bem dizer que devemos chorar por tantas pessoas que se enganam ao pensarem que são reis em Israel, que se acreditam elevados acima de todos, mesmo dos bons, em uma alta vida contemplativa, mas que não passam, no entanto de orgulhosos. Eles desobedecem voluntária e conscientemente a Deus, à Lei, à Santa Igreja e renegam todas as virtudes. Assim como o rei Saul dilacerou o manto do profeta Samuel, eles também

---

[1] Cf. 1 Samuel 15: 35.
[2] Cf. Mateus 15: 22-28.

se esforçam por dilacerar a fé cristã e, ao mesmo tempo, toda a doutrina verdadeira e toda vida virtuosa.

Aqueles que persistem neste caminho estão separados e cortados do reino da eterna contemplação, como Saul foi do reino de Israel. A humilde mulherzinha de Canaã, pelo contrário, mesmo que pagã e estrangeira, acreditou e teve esperança em Deus. Ela reconheceu e confessou sua pequenez diante de Cristo e dos Apóstolos e assim, recebeu graça, saúde e tudo o que ela desejou, pois Deus eleva o humilde e o cumula com todas as virtudes, mas resiste ao orgulhoso que continua privado de todos os bens.

CAPÍTULO 01

A justificativa deste livro.

Alguns de meus amigos me pediram[3] para satisfazer o desejo deles de que eu expusesse e lhes explicasse com mais palavras e da minha melhor maneira, do jeito mais preciso e com a maior clareza, tal como eu a compreendo

[3] O prior dos Cartuxos, o Mestre Gérard.

e a concebo, a verdade sobre o tema da mais alta doutrina que eu expus.

É preciso, de fato, que ninguém fique escandalizado com meus escritos, mas, pelo contrário, que cada um se torne melhor com eles. Eu farei isto então, de bom grado, e tenho a intenção de, com a ajuda de Deus, ensinar e esclarecer os humildes que amam a virtude e a verdade, ao mesmo tempo em que as mesmas palavras servirão para confundir os falsos e os soberbos e para aumentar suas trevas até o mais profundo do ser deles. O que eu direi os contrariará, pois não está em harmonia com o que eles dizem e os orgulhosos não podem suportar tal contradição, pois os irritam.

CAPÍTULO 02

A mais alta doutrina.

Eu dito que o amante de Deus contemplativo está unido a ele por um intermediário, sem um intermediário e, por fim, sem diferença ou distinção. Isto, eu encontro na natureza, na graça e na glória. Eu disse também que nenhuma criatura pode ser e nem se tornar tão santa que ela perca seu estado de criatura e se torne Deus e isto é

verdade até mesmo sobre a alma de Nosso Senhor Jesus Cristo, que permanecerá eternamente criatura e distinta de Deus. No entanto, todos nós devemos ser elevados, em Deus, acima de nós mesmos e sermos um mesmo espírito com ele, no amor, se quisermos possuir a beatitude eterna.

Por isto, fiquem atentos às minhas palavras e ao meu pensamento e me compreendam muito bem e exatamente, pois se trata do modo de nossa beatitude e da nossa caminhada até ela.

CAPÍTULO 03

A união por um intermediário.

Eu digo primeiramente que todos os bons são unidos a Deus por um intermediário. Esse intermediário é a graça de Deus, com os sacramentos da Santa Igreja, as virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade e a vida virtuosa segundo os mandamentos de Deus.

Para isto, é preciso morrer para o pecado, para o mundo e para todo apetite descontrolado da natureza. Assim, permaneceremos em união com a Santa Igreja, ou seja, com todos os justos e com eles obedeceremos a Deus

e formaremos uma mesma vontade com ele, assim como uma boa comunidade unida ao seu Prelado. Sem essa união, ninguém pode agradar a Deus nem ser salvo.

É daquele que guarda esta união e este intermediário até o fim de sua vida que Cristo fala, quando diz ao seu Pai, no Evangelho de São João: *Pai, quero que, onde EU SOU, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me concedeste* [4].

Em outra passagem, ele diz também que seus servidores estarão sentados no festim, ou seja, na riqueza e na plenitude das virtudes que eles praticaram e ele passará diante deles e lhes servirá a glória que eles mereceram[5].

Ele a dará liberalmente e a revelará a todos os bem-amados e a cada um deles em particular, mais ou menos segundo a dignidade de cada um e segundo cada um seja capaz de compreender a grandeza dessa glória e dessa honra, fruto somente dos méritos de Cristo em sua vida e em sua morte.

Assim, todos os santos estarão eternamente com Cristo, cada um em seu nível e grau de glória que terá merecido por suas obras, com a ajuda de Deus. Cristo,

---

[4] João 17: 24.

[5] Cf. Lucas 12: 37. *Bem-aventurados os servos a quem o senhor encontrar vigiando, quando vier! Em verdade vos digo: cingir-se-á, fá-los-á sentar à mesa e passará servindo-os.*

segundo sua humanidade, estará acima de todos os santos e de todos os anjos, como o príncipe de toda glória e de toda honra que ele propriamente possui, acima de toda criatura.

Vocês podem assim compreender como somos unidos a Deus por um intermediário. Neste mundo, na graça e igualmente na glória.

Neste intermediário, há diferença e diversidade, tanto de vida quanto de recompensa, como eu disse. São Paulo compreendeu bem isto, quando expressou o desejo de ser libertado do seu corpo e estar com Cristo[6]. Mas ele não disse que ele mesmo seria Cristo ou Deus, como fazem certas pessoas heréticas e perversas que dizem não terem Deus, mas estarem tão mortos para eles mesmos e unidos a Deus que se tornaram Deus.

CAPÍTULO 04

Pessoas ociosas e perversas.

[6] Filipenses 1: 23 e 24. *Sinto-me pressionado dos dois lados: por uma parte, desejaria desprender-me para estar com Cristo; o que seria imensamente melhor; mas, de outra parte, continuar a viver é mais necessário, por causa de vós.*

As pessoas de quem acabamos de falar acreditam que a simplicidade e a inclinação da natureza delas as fazem entrar na nudez da essência delas. Parece-lhes então que a vida eterna não é outra coisa além de uma só essência bem-aventurada, sem distinção de nível, de santidade ou de recompensa.

Além disto, alguns deles são tão insensatos que chegam a dizer que as Pessoas divinas fluirão para a divindade e que só restará eternamente a substância essencial dessa divindade. Todos os espíritos bem-aventurados e Deus mesmo serão tão plenamente convertidos nessa essência bem-aventurada que não ficará mais nada de fora, nem querer, nem agir, nem conhecimento distinto de alguma criatura.

Vejam que essas pessoas estão desviadas no buraco vazio e obscuro de sua própria essência e elas querem ser bem-aventuradas nos limites de sua pura natureza. Elas são tão simples e unidas de uma maneira tão desprovida de intermediário à pura essência da alma delas e à presença essencial de Deus nelas que elas não têm nem ardor nem tendência para Deus, nem interna e nem externamente, pois nesse cume onde elas se recolheram, elas não

sentem mais nada, a não ser a simplicidade da essência delas, com sua ligação à essência de Deus.

Essa simplicidade absoluta que eles possuem, eles a olham como sendo Deus mesmo, porque eles nela encontram um repouso natural. É por isto que eles pensam ser Deus, no fundo de suas próprias simplicidades, pois a fé, a esperança e a caridade verdadeiras lhes faltam, enquanto que, no estado de vazio e de nudez que eles sentem e possuem, eles pretendem não ter mais nem conhecimento nem amor e serem dispensados de toda virtude.

Por consequência, eles se esforçam por viver sem consciência, sejam quais forem os males que eles pratiquem. Eles negligenciam todos os sacramentos, todas as virtudes e as práticas da Sant Igreja e lhes parece que não têm nenhuma necessidade deles.

Segundo a ideia deles, eles ultrapassaram tudo o que reconhecem ser necessário apenas para os imperfeitos. Alguns são mesmo tão encorajados e inveterados nesta simplicidade que permanecem ociosos e sem qualquer preocupação com as obras de Deus e de todas as Escrituras, como se jamais uma letra tivesse sido escrita, pois eles acreditam que encontraram e possuem o porquê de

todas as Santas Letras e nisto está o repouso essencial e cego que eles sentem.

No entanto, eles perderam Deus e todos os caminhos que poderiam levar a ele, não tendo mais o fervor da devoção e nem as santas práticas que um animal morto. Eles se aproximam, no entanto, algumas vezes, dos sacramentos e citam as Escrituras para melhor fingirem e se cobrirem.

De bom grado também, eles retiram, da Escritura, passagens pouco conhecidas que eles podem interpretar falsamente e de acordo com eles, para agradarem as pessoas simples e atraí-las assim para a enganosa ociosidade deles.

Vejam que essas pessoas que se julgam mais sábias e mais finas do que outras são, no entanto, as mais pesadas e as mais grosseiras que existem presentemente. O que os pagãos, os judeus e os maus cristãos, sábios ou ignorantes, encontram e compreendem pela razão natural, esses miseráveis não querem e não podem apreender.

Vocês podem fazer o sinal da cruz contra o diabo, mas dessas pessoas perversas você devem se proteger com muito cuidado e precisam examinar de perto suas palavras e suas ações, pois eles querem ensinar e não se-

rem instruídos por ninguém, criticar e não receberem nenhuma censura, comandar e não terem que obedecer.

Eles querem oprimir os outros, mas não suportam que os oprimam. Eles desejam dizer o que quiserem e não serem contraditos, manter a vontade própria e não serem submissos a ninguém. Isto é o que eles chamam de liberdade espiritual.

Livres em suas carnes, eles dão aos seus corpos o que eles desejam e isto para eles é liberdade natural. Unidos ao vazio sombrio e cego de sua própria essência, eles se acreditam um com Deus e tomam isto pela beatitude eterna. Entrados nesta beatitude, eles a possuem por vontade própria e pelo pendor natural e assim, se acreditam superiores à Lei, aos mandamentos de Deus e da Santa Igreja, pois, acima desse repouso essencial que eles possuem, eles não sentem Deus e nem diversidade. A luz divina não se manifestou a eles em suas trevas, porque eles não a buscaram com amor ativo e liberdade sobrenatural.

É por isto que eles decaíram da verdade e de toda virtude, em uma dessemelhança perversa. Para eles, de fato, a mais alta santidade consiste na pessoa seguir, em tudo e sem obstáculos, seu instinto natural, de sorte que ela possa permanecer dentro dela mesma, na ociosidade,

com um espírito inclinado para o mal e se abandonar, externamente, a todo impulso, para satisfazer aos desejos do corpo, para contentar a carne e escapar prontamente da imagem, para retornar, com toda liberdade, a essa ociosidade nua do espírito deles.

Vejam que isto é o fruto do inferno produzido pela incredulidade deles e que alimenta essa incredulidade até na morte eterna, pois, quando vem a hora em que a natureza deles é carregada com uma dor amarga e angústias mortais, eles são perseguidos por muitos fantasmas, aterrorizados e apavorados interiormente.

Então, eles perdem o recolhimento ocioso que possuíam no repouso e caem em um desespero tal que ninguém pode consolá-los. Eles morrem como cães raivosos e a ociosidade deles não lhes propicia nenhuma recompensa, pois aqueles que praticaram o mal e morrem pertencem ao fogo eterno, como ensina nossa fé.

Eu lhes mostrei o mal ao lado do bem, para que vocês compreendam melhor o bem e para que fiquem vigilantes contra o mal. Vocês evitarão essa gente e fugirão delas como os inimigos mortais da alma de vocês, por mais santos que eles lhes pareçam em suas maneiras, suas palavras, suas vestimentas ou seus rostos. Eles são

mensageiros do diabo e os mais nocivos de todos aqueles que vivem atualmente com as pessoas simples, inexperientes e de boa vontade.

Eu deixo então tudo isto, para retornar ao tema a que me propus inicialmente.

CAPÍTULO 05

A união sem intermediário.

Vocês se lembram bem que eu lhes disse que os santos e todos os justos são unidos a Deus por um intermediário. Eu quero lhes dizer agora como todos são unidos a ele sem um intermediário.

Há poucos nesta vida que têm a capacidade e a luz suficientes para poderem experimentar e compreender isto e assim, aquele que quer descobrir e sentir em si mesmo as três uniões de que eu falo deve viver para Deus com a total plenitude do seu ser, para satisfazer a graça e os impulsos divinos e ser dócil em todas as virtudes e todas as práticas da vida interior.

Por amor, ele deve se elevar e morrer em Deus, se perder com todas as suas obras, de maneira a passar para

ele com todas as suas forças e sofrer a transformação da incompreensível verdade que é o próprio Deus.

É assim que, ao viver, ele deve sair para exercer as virtudes e, ao morrer, ele deve entrar em Deus. A perfeição da sua vida repousa sobre estas duas condições. Elas estão unidas nele como a matéria está unida à forma, a alma ao corpo e, porque ele se aplica a estes dois exercícios, ele tem a inteligência clara, é rico e transbordante de sentimento, pois juntou Deus às suas forças elevadas, com o desejo do seu coração, uma intenção correta, um atrativo insaciável e toda a força viva do seu espírito e de sua natureza.

Enquanto ele se mantém e se exercita assim na presença de Deus, o amor se torna mestre dele, o conduz e o faz crescer sem parar em virtudes e o impulso desse amor é exercido sempre, segundo a utilidade e a capacidade de cada um.

CAPÍTULO 06

A saúde deliciosa e o mal terrível.

O impulso divino mais útil que pode sentir essa pessoa e ao qual ela seja apta é o da saúde deliciosa e do mal

terrível. A este duplo efeito, ela deve responder através das obras apropriadas.

A saúde deliciosa eleva a pessoa acima de todas as coisas, lhe dando livre poder de louvar e de amar Deus sob todas as formas que seu coração e sua alma podem desejar.

Vem em seguida o mal terrível que joga a pessoa na desolação e na privação de todos os gostos e de todas as consolações que ela sentia até então. Durante esse estado miserável, a saúde reaparece às vezes e dá uma esperança que ninguém conseguiria apagar. Depois, se recai novamente em um desespero tal que ninguém pode lhe trazer uma consolação.

Quando a pessoa sente Deus nela, com riqueza e plenitude de graças, eu chamo isto de saúde deliciosa, pois então essa pessoa possui a sabedoria, seu intelecto é iluminado, ela é enriquecida com ensinamentos celestes até transbordar. Sua caridade é calorosa e generosa, ela superabunda de alegria até o inebriamento, ela é forte de sentimento, ela é corajosa e disposta a tudo o que sabe ser do beneplácito de Deus. Estes bens são inúmeros e só a pessoa que passou por esta experiência pode conhecê-los.

Mas, quando a balança do amor vem a se abaixar e Deus se esconde com todas as suas graças, a pessoa recai na desolação, no langor e na sombria miséria, como se não devesse jamais recuperar a saúde.

Então, ela não se considera nada mais do que uma pobre pecadora que, de Deus, pouco ou nada sabe. Toda consolação que lhe vem das criaturas lhe é uma dor e, do lado de Deus, ela não sente mais gosto e nem alegria alguma e a razão lhe diz bem baixo: "*Onde está teu Deus?* O que se tornou para você então tudo aquilo que você sabia de Deus?" Então, *suas lágrimas se converteram em* seu alimento dia e noite[7], como diz o Profeta.

Se, todavia, ela quer se curar deste mal, ela precisa considerar que ela não se pertence, mas que ela é de Deus. Ela deve então aniquilar sua vontade própria e se entregar à livre vontade de Deus, deixando Deus agir com a dele, no tempo e na eternidade.

Se ela pode agir assim, sem tristeza no coração e com liberdade de espírito, ela é logo curada. Ela conduz o céu no inferno e o inferno no céu. De fato, se a balança do amor sobe ou desce, ela permanece em sua igualdade.

[7] Salmo 42: 4.

Qualquer coisa que o amor queira dar ou tomar, aquele que renuncia a si mesmo e que ama Deus encontra a paz, pois, quando, no sofrimento, se sente manter a retidão de sua vontade e guardar o espírito livre e tranquilo, se está apto a experimentar a união com Deus sem intermediário.

Quanto à união por intermediário, ela é adquirida com a riqueza das virtudes. É por isto que, estando com um mesmo pensamento e uma mesma vontade com Deus, a pessoa sente Deus nela com a plenitude de suas graças, como uma saúde viva em todo seu ser e em todas as suas obras.

CAPÍTULO 07

Porque nem todas as pessoas boas chegam lá.

Mas, talvez vocês me perguntem por que nem todas as pessoas boas chegam a experimentar tais coisas.

Observem bem agora, porque vou lhes dizer a causa e o porquê. É que elas não respondem ao impulso divino com a abnegação delas mesmas. Elas não se colocam diante de Deus com uma aplicação viva e são pouco preo-

cupadas em conhecer a elas mesmas. Assim, elas continuam sempre mais exteriores e múltiplas do que interiores e simples, agindo mais pelo bom costume do que por afeição íntima. Elas olham mais as formas extraordinárias, à importância e à multiplicidade das boas obras do que à intenção e ao amor a Deus.

É por isto que elas permanecem exteriores e múltiplas e não sabem reconhecer que Deus vive nelas com a plenitude de suas graças.

CAPÍTULO 08

Como deve agir a pessoa interior para chegar a alcançar a união sem intermediário.

Mas eu quero lhes dizer como a pessoa interior que, com todo o langor, guarda a saúde, fará a experiência da união com Deus sem intermediário.

Quando uma pessoa que vive assim se eleva para Deus com seu todo e todas as suas forças e se aplica com um amor vivo e ativo, ela sente que esse amor, em seu próprio íntimo, lá onde ele começa e termina, é prazeroso e sem limite.

Se ela quer depois, com seu amor ativo, penetrar mais fundo nesse amor prazeroso, então todas as forças de sua alma devem ceder e ela precisa sofrer e suportar a verdade e a bondade penetrante que é o próprio Deus.

Vocês sabem como o ar é banhado pela claridade e o calor do sol e como o ferro é tão penetrado pelo fogo que, sob sua ação, ele faz o próprio trabalho do fogo, ardendo e iluminando como ele e até mesmo o ar, se fosse dotado de razão, poderia dizer: “Eu clareio e ilumino o mundo inteiro”.

No entanto, cada elemento guarda sua natureza própria e o fogo não se torna ferro e nem o ferro se torna fogo. Mas a união deles se faz sem intermediário, já que o ferro está interiormente no fogo e o fogo no ferro. Da mesma forma, o ar está na luz do sol e a luz do sol no ar.

Ora, é assim que Deus está sempre na essência da alma. Quando as forças superiores se voltam para elas mesmas, com um amor ativo, elas se unem a Deus sem intermediário, em um conhecimento simples de toda a verdade, um sentimento e um prazer essenciais de todo bem.

É no amor essencial que se possui esse conhecimento e essa experiência simples de Deus e é por meio do amor ativo que são exercitados e mantidos.

Assim, esse conhecimento e essa experiência ultrapassam as forças que ali são exercidas, por causa do retorno interior que expira no amor. Mas elas são essenciais à essência e permanecem sempre nela.

É por isto que devemos sempre fazer um retorno ao amor e assim nos renovar nele, se quisermos encontrar o amor pelo amor.

São João nos ensina isto, quando diz: *Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele*[8].

No entanto, embora essa união entre o espírito amoroso e Deus seja sem intermediário, permanece, todavia, entre eles, uma grande diferença, pois nem a criatura se torna Deus e nem Deus se torna criatura, como eu disse acima, a propósito do ferro e do ar.

Mas, se as coisas materiais que Deus criou podem se unir assim sem intermediário, com muito mais razão, ele mesmo pode se unir sem intermediário aos seus bem-

[8] 1 João 4: 16.

amados, como ele quiser, se estes, com a ajuda de sua graça, se dedicam a isto e se preparam para isto.

É por isto que a pessoa interior que Deus ornamentou com virtudes e elevou, além disto, à vida contemplativa, não tem, em seu ato supremo de retorno para Deus, outro intermediário entre ela e Deus, além de sua razão iluminada e seu amor ativo e, mediante estas duas coisas, ela possui a adesão a Deus e isto é, segundo São Bernardo, "ser um com Deus".

Mas, acima da razão, acima do amor ativo, essa pessoa é elevada a uma pura visão e, fora da atividade, até o amor essencial. Lá, ela é um espírito e um mesmo amor com Deus, como eu já lhes expus.

Nesse amor essencial, ela ultrapassa infinitamente seu intelecto através dessa unidade que ela possui essencialmente com Deus e isto é uma vida ordinária aos contemplativos, pois nessa elevação, a pessoa está apta a conhecer, em uma mesma visão, se Deus quer mesmo lhe mostrar todas as criaturas do céu e da terra, com as diferenças de vida e de recompensa.

Mas, diante da infinidade de Deus, ela só pode se render. É ela que ela deve buscar essencialmente e sem fim, pois nenhuma criatura pode compreendê-la e nem

alcançá-la, nem mesmo a alma de Nosso Senhor Jesus Cristo, que recebeu a união mais elevada, bem acima de todas as criaturas.

CAPÍTULO 09

Certas operações da graça de Deus.

Vejam que esse amor eterno que vive no espírito ao qual ele está unido sem intermediário dá sua luz e sua graça a todas as forças da alma e é lá o princípio de todas as virtudes. A graça de Deus toca as forças superiores e esse toque de Deus sobre as forças faz jorrar nelas a caridade, o conhecimento da verdade, o amor por toda a justiça, a prática dos conselhos de Deus com discernimento e uma liberdade sem imagem. Ele faz vencer todas as coisas sem esforço e, através do amor, ele arrebata na unidade.

Assim, pelo tempo que a pessoa permanece neste exercício, ela é capaz de contemplar e de sentir a união sem intermediário. Ela sente nela esse toque de Deus que é uma renovação da graça e de todas as virtudes divinas e vocês devem saber que essa graça de Deus penetra até as

forças inferiores, toca o coração da pessoa e nele produz o amor terno e a atração sensível por Deus.

Esse amor e essa atração penetram o coração e os sentidos, a carne e o sangue e toda a natureza corpórea, dando à pessoa um impulso e uma impaciência tais que, muitas vezes, ela não saber o que fazer dela mesma. Ela está no estado de uma pessoa inebriada que não se possui mais. Daí, muitas maneiras bizarras que as pessoas de coração sensível não podem facilmente dominar.

É assim que, muitas vezes, elas levantam a cabeça para o céu com os olhos bem abertos, na impaciência de seus desejos. Uma hora é a alegria e outra hora, são as lágrimas. Às vezes, elas cantam e outras vezes, elas gritam. Hoje, elas estão bem, mas amanhã, estarão mal e muitas vezes, as duas coisas juntas. Elas caminham saltando, batendo as mãos, se ajoelham, se inclinam e fazem ainda muitos outros gestos muito estranhos.

Enquanto a pessoa permanece neste estado e com o coração aberto, ela se mantém elevada até a riqueza de Deus que vive em seu espírito, ela sente um novo toque divino e uma nova impaciência de amor e assim, todas estas coisas se repetem e é por isto que a pessoa deve se servir desse sentimento corpóreo para passar algumas

vezes a um sentimento espiritual, que é racional e, desse sentimento espiritual, se elevar a um sentimento divino que está acima da razão.

Por fim, por meio desse sentimento divino, ela deve se mergulhar em um sentimento de imobilidade bem-aventurada. Esse sentimento é nossa beatitude supraessencial que é o desfrute mesmo de Deus e de todos os seus bem-amados.

Essa beatitude é o silêncio nas trevas e o repouso. Ele é essencial a Deus e supraessencial a todas as criaturas. É lá que é preciso dizer que as Pessoas divinas retornam e mergulham no amor essencial, ou seja, na unidade fruitiva e, no entanto, elas permanecem sempre, segundo suas propriedades pessoais, nas operações da Trindade.

CAPÍTULO 10

A complacência mútua das Pessoas divinas e a complacência que existe entre Deus e os justos.

Vocês podem compreender ainda como a natureza divina é eternamente ativa, segundo o modo das Pessoas

e eternamente em repouso e sem modo, segundo a simplicidade de sua essência.

É por isto que tudo o que Deus elegeu e apreendeu em seu amor eterno e pessoal, ele possui essencialmente e com prazer na unidade do amor essencial, pois as divinas Pessoas se abraçam mutuamente em uma complacência eterna, com um amor infinito e ativo, na unidade. Isto se renova incessantemente na fonte viva da Trindade.

Sempre há nela uma nova geração e um novo conhecimento, uma nova complacência e uma nova inspiração em um novo abraço, com uma torrente nova de amor eterno. Todos os eleitos, os anjos e as pessoas, desde o primeiro até o último, são abraçados nessa complacência. É dela que dependem o céu e a terra, a vida, o ser, a atividade e a conservação de todas as criaturas. O afastamento de Deus, através do pecado que provém da perversidade cega própria das criaturas é a única exceção a isto.

A graça, a glória, todos os dons, no céu e na terra fluem da complacência de Deus e, em cada um, de maneira diferente, segundo a necessidade e a capacidade que lhes são próprias, pois a graça de Deus é preparada para todas as pessoas e ela espera o retorno de cada pecador

em particular e quando, pelo socorro da graça, esse pecador consente em ter piedade dele mesmo e em implorar a Deus com confiança, ele sempre encontra seu perdão.

Assim, aquele que, sob a influência da graça, é levado pela amorosa complacência até a eterna complacência de Deus, este é pego e abraçado por este amor infinito que é o próprio Deus. Ele vai se renovando no amor e nas virtudes, pois, no fato de que nós nos comprazemos em Deus e Deus se compraz em nós, há o exercício do amor e da vida eterna.

Mas é eternamente que Deus nos ama e que sua complacência se exerce sobre nós e se considerarmos isto como devemos, nosso amor e nossa complacência se renovam incessantemente, da mesma forma como nas relações mútuas das Pessoas divinas há sempre uma nova complacência e uma nova emanação de amor, em um abraço novo na unidade e isto é fora do tempo, ou seja, sem um antes e um depois, em um eterno presente.

Nesse abraço na unidade, todas as coisas são consumadas e, na efusão do amor, todas as coisas operam. Por fim, na natureza viva e fecunda está o que é capaz de ser e, nessa natureza viva e fecunda, o Filho está no Pai e o Pai no Filho e o Espírito Santo em ambos, pois esta é

uma unidade viva e fecunda que é a fonte e o princípio de toda vida e de todo devir.

Assim, todas as criaturas estão lá, sem elas mesmas, como em sua causa eterna, uma mesma essência e uma mesma vida com Deus. Mas, na emanação das Pessoas divinas que cria a distinção, o Filho é do Pai e o Espírito Santo é de ambos.

Foi lá que Deus criou todas as coisas, com cada uma em sua essência própria. Foi lá que ele refez o ser humano, através de suas graças e através de sua morte, tão completamente quanto dependia dele. Ele ornamentou os seus com o amor e com as virtudes e os reconduziu com ele ao princípio.

Lá, o Pai, com o Filho e todos os bem-amados são tomados e abraçados no laço do amor, ou seja, na unidade do Espírito Santo. É essa mesma unidade que é fecunda segundo a emanação das Pessoas e que, em seu retorno, é um laço eterno de amor que jamais é rompido e todos aqueles que têm a experiência desse laço devem permanecer eternamente felizes. Todos são ricos em virtudes, iluminados na contemplação e simples em seu repouso fruitivo.

Nesse retorno interior, de fato, o amor de Deus aparece como se derramando com todos os bens, atraindo para a unidade supraessencial e sem modo, em um repouso eterno. É por isto que essas almas privilegiadas são unidas a Deus por um intermediário, sem um intermediário e também sem diferença.

CAPÍTULO 11

Como os justos têm o amor de Deus em vista em sua contemplação e como eles são elevados até Deus.

Os justos se dedicam, em suas contemplações, ao amor de Deus como a um bem comum que se derrama no céu e na terra e eles sentem a Santa Trindade inclinada para eles e neles com a plenitude das graças. É por isto que eles a ornamentam com todas as virtudes, com santos exercícios e boas obras, exterior e interiormente.

Assim, eles são unidos a Deus por intermédio da graça divina e sua santa vida e porque eles se dão a Deus, seja agindo, seja se abstendo, seja sofrendo, eles estão sempre em paz e na alegria interiores, no prazer e na consolação, como não podem ter o mundo, nem nenhuma

criatura pouco correta, nem quem busca a si mesmo e se visa mais do que a honra de Deus.

Em segundo lugar, essas mesmas pessoas intimamente iluminadas em suas contemplações percebem, todas as vezes que querem, que o amor de Deus atrai interiormente e convida à unidade, pois elas veem e sentem que o Pai com o Filho, através do Espírito Santo se mantém abraçados e, com eles, todos os eleitos, em um amor eterno que os reconduz à unidade de suas naturezas.

Essa unidade atrai sempre interiormente ou convida tudo o que é nascido dela, naturalmente ou pela graça e é por isto que as pessoas iluminadas são elevadas, com uma alma livre, acima da razão, até uma visão desprovida de imagens. Lá se faz, em ternura, o eterno convite da unidade de Deus e, com um intelecto nu e sem imagens, elas ultrapassam todas as obras, todas as práticas, todas as coisas, enfim e alcançam o ápice mesmo de seus espíritos. Lá, seus intelectos nus são penetrados pela claridade eterna, como o ar é penetrado pela luz do sol. A vontade despojada e elevada sofre a transformação e a penetração do amor sem fundo, como o ferro é penetrado pelo fogo e a memória libertada e elevada é tomada e estabelecida em uma ausência total de imagens.

Assim, acima da razão, a imagem criada é unida de uma maneira tripla à sua imagem eterna, que é a fonte do seu ser e de sua vida. Essa fonte é essencial e eternamente conservada e possuída em uma simples contemplação em um vazio sem imagens. É-se elevado então acima da razão, triplamente na unidade e unicamente na Trindade.

No entanto, a criatura não se torna Deus, pois essa unidade só existe mediante a graça e o amor que faz retorno a Deus e é por isto que a criatura sente uma diferença e uma distinção entre ela e Deus, em sua contemplação íntima e, embora essa união seja sem intermediário, as obras inumeráveis que Deus realiza no céu e na terra nem por isto são menos ocultas ao espírito.

Deus, de fato, se dá tal como ele é à essência da alma, de uma maneira claramente distinta, lá onde, acima da razão, as forças são simplificadas e carregam simplesmente a transformação de Deus. Lá onde tudo é pleno e superabundante, o espírito, se sentindo estar com Deus como uma verdade, uma riqueza, uma unidade, no entanto, mesmo lá se encontra também uma tendência profunda a ir mais longe e isto é uma distinção essencial entre a essência da alma e a essência de Deus, uma distinção que não se pode conceber mais elevada.

CAPÍTULO 12

A unidade mais elevada sem diferença ou sem distinção.

Vem em seguida a unidade sem diferença, pois o amor de Deus não deve somente ser considerado como fluindo com todos os seus bens e atraindo para dentro, para a unidade, mas, acima de toda distinção, ele é um prazer essencial, segundo a essência nua da divindade.

Assim, as pessoas iluminadas encontraram nelas uma contemplação profunda e essencial, acima da razão e sem razão e uma inclinação de prazer que ultrapassa todo modo e toda essência e as mergulha no abismo sem modo da beatitude sem fundo, onde a Trindade das divinas Pessoas possui sua natureza na unidade essencial.

Vejam que aqui a beatitude é tão simples e sem modo que toda contemplação essencial desaparece, como toda inclinação e distinção das criaturas, pois todos os espíritos elevados se fundem e se aniquilam pelo prazer na essência de Deus, que é a superessência de toda essência.

Lá, eles escapam deles mesmos e se perdem em um não saber sem fundo. Toda claridade é reconduzida às trevas, lá onde as três Pessoas reentram na unidade e desfrutam sem distinção da beatitude essencial. Essa beatitude só é essencial em Deus e ela é superessencial a todos os espíritos.

Nenhuma essência criada pode, de fato, se tornar uma com a essência de Deus e perecer nela mesma, pois então a criatura se tornaria Deus, o que é impossível.

A essência de Deus não pode aumentar e nem diminuir. Nada pode lhe ser tirado ou acrescentado. Todos os espíritos amorosos, quando estão com Deus, são, no entanto, sem diferença, um só prazer e uma só beatitude, pois a essência bem-aventurada, que é a fruição de Deus e de todos os seus bem-amados é tão simples que não se vê nela, nem o Pai, nem o Filho e nem o Espírito Santo, segundo a distinção pessoal e nenhuma criatura.

Mas lá, todos os espíritos elevados se superaram em um prazer sem modo, que é uma abundância acima de toda plenitude que nenhuma criatura jamais recebeu ou pode receber. É lá que, em sua superessência, os espíritos elevados estão, sem diferença, em um só prazer e uma só

beatitude com Deus e a beatitude ali é tão simples que nenhuma distinção pode entrar nela.

Cristo desejou que fosse assim, quando ele rogou a seu Pai que todos os seus bem-amados fossem consumados em um só, como ele é com seu Pai no prazer da união do Espírito Santo e assim, sua prece e seus anseios eram que, ele em nós e nós nele e em seu Pai celeste, nos tornássemos um no prazer da união do Espírito Santo e isto me parece a mais amável prece que Cristo jamais fez para nossa beatitude.

CAPÍTULO 13

A tríplice prece de Cristo para que possamos ser um com Deus.

Vocês podem observar também que a prece de Cristo foi simples, como a relata São João em seu Evangelho[9].

O primeiro pedido, de fato, é que estejamos com ele, para podermos contemplar a claridade que ele recebeu de seu Pai. Foi por isto que eu disse, no início, que todos os justos são unidos a Deus por intermédio da graça de Deus

[9] Cf. João 17:24. *Pai, quero que, onde EU SOU, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me concedeste, porque me amaste antes da criação do mundo.*

e de suas vidas virtuosas, pois o amor de Deus se derrama sempre em nós com novos dons e aqueles que observam isto são cheios com novas virtudes e práticas santas, bem como todos os bens, como eu disse acima e essa união com plenitude de graça e de glória, no corpo e na alma, começa aqui e dura eternamente.

O segundo pedido de Cristo é que ele esteja em nós e nós nele e nós vemos essa prece expressa em várias passagens do Evangelho. Lá, reconhecemos a união sem intermediário, pois o amor de Deus não somente jorra como também atrai para o interior, para a unidade.

Aqueles que o sentem e tomam consciência dele se tornam pessoas intimamente iluminadas. Suas forças superiores se elevam acima de todas as práticas, na nudez de sua essência. Elas estão acima da razão, simplificadas essencialmente e, desde então, repletas e transbordantes.

Nessa simplicidade, o espírito se encontra unido a Deus, sem intermediário e essa união, graças aos exercícios que lhes são próprios, durará eternamente, como eu já disse.

Por fim, o terceiro pedido de Cristo e o mais elevado de todos é que todos os seus bem-amados sejam consumados em um, como ele é com o Pai. Não um de acordo

com a mesma substância da divindade, pois isto é impossível para nós, mas um no sentido de na mesma unidade que ele é, sem distinção, no prazer e na beatitude, com o Pai, no amor essencial.

A prece de Cristo é consumada naqueles que são unidos a Deus destas três maneiras. Com Deus, eles refluirão e fluirão, permanecendo sempre em repouso na posse e no prazer. Eles trabalharão e padecerão, depois repousarão, reentrarão e encontrarão, de uma parte a outra, seu alimento. Eles se inebriarão de amor e adormecerão em Deus em uma treva luminosa.

Eu poderia ainda dizer mais, mas aqueles que possuem isto não precisam e, aqueles que receberam a revelação e que, por amor, aderem ao amor, o amor ensinará bem a verdade.

Mas, quando se vive no exterior e se busca consolação fora de Deus, não se pode compreender estas coisas e mesmo que eu falasse mais longamente, eu não seria compreendido, pois aqueles que se dão inteiramente às obras exteriores ou que, rejeitando a ação, se dedicam à ociosidade interior, não podem compreender.

Mesmo que aqui, de fato, a razão e todo sentimento devam se submeter e dar lugar à fé, ao olhar atento do

espírito e às coisas que ultrapassam a razão, no entanto, a razão, mesmo que inativa, subsiste tão bem quando a vida sensível. Elas não podem perecer, tanto quanto não pode perecer a natureza humana.

Da mesma forma, se o olhar atento e a inclinação do espírito para Deus devem dar lugar ao prazer na simplicidade, todavia, o olhar e a inclinação permanecem fundamentalmente, pois isto é a vida mais íntima do espírito e, na pessoa iluminada que se eleva, a vida sensível se submete ao espírito. As forças sensíveis são assim ordenadas a Deus com um amor afetivo e a natureza superabunda em todos os bens.

Por outro lado, a vida espiritual é ligada a Deus sem intermediário e as forças superiores são elevadas nele com um amor eterno, penetradas pela verdade divina e estabelecidas em uma liberdade sem imagens.

Aqui, a pessoa está plena de Deus e em uma superabundância sem medida, onde reina o fluxo essencial, a imersão na unidade supraessencial. Aqui, a união é sem distinção, como eu já lhes disse muitas vezes, pois todos os nossos caminhos terminam na superessência.

Queiramos percorrer com Deus esses caminhos elevados do amor. Com ele repousaremos na eternidade sem

fim e assim, eternamente, estaremos em marcha, entraremos e repousaremos em Deus.

CAPÍTULO 14

A confiança no julgamento da Santa Igreja.

Desta vez, não posso lhes demonstrar mais claramente meu pensamento. Por tudo o que eu compreendo ou sinto e por tudo o que escrevei, eu me submeto ao julgamento dos santos e da Santa Igreja, pois quero viver e morrer servo de Cristo, na fé cristã e, mediante a graça de Deus, eu desejo ser membro vivo da Santa Igreja.

Como eu lhes disse acima, vocês ficarão vigilantes com essas pessoas enganadoras que, no despojamento de imagens e na ociosidade, com seu olhar nu e simples encontraram nelas, de uma maneira natural, a essência de Deus e querem ser um com Deus sem a graça de Deus, sem a prática das virtudes, em desobediência a Deus e à Santa Igreja.

Com essa vida perversa que eu falei, eles querem ser filhos de Deus por natureza. Se o príncipe dos anjos foi jogado para fora do céu porque se elevou e quis se igualar a Deus, se o primeiro ser humano foi expulso do Paraíso

porque quis se tornar semelhante a Deus como o pior dos pecadores, o cristão infiel irá da terra ao céu? Ele que quer ser Deus, sem semelhança alguma, tanto em graças quanto em virtudes?

Ninguém sobe ao céu com a própria força, a não ser *o Filho do Homem*[10], Jesus Cristo. Unamo-nos a ele por meio da graça, das virtudes e da fé cristã. Assim, subiremos com ele até onde ele nos precedeu.

No último dia, ressuscitaremos todos, cada um com seu próprio corpo. Aqueles que praticaram o bem irão para a vida eterna e aqueles que agiram mal irão para o fogo eterno. Estes são os dois fins diferentes que jamais poderão se reunir, pois ambos fogem sempre um do outro.

Rezem por aquele que compôs e escreveu este livro, para que Deus tenha piedade dele. Que sua vida pobre no seu início e frágil em seu meio seja para ele, bem como para nós todos, coroada com um fim bem-aventurado. Condesceda Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, nos concedê-la a todos. Amém.

---

[10] João 3: 13. *Ninguém sobe ao céu senão aquele que desceu do céu: o Filho do Homem que está no céu.*

Se vocês ouvirem algum sermão ou uma boa doutrina, prestem bastante atenção, mais para vivenciá-los do que para conhecê-los, pois aquele que sabe muito, mas não conforma sua vida com o que sabe perde seu tempo.

Aqui termina o **Livro da mais alta verdade**, composto pelo Bem-aventurado Mestre João de Ruysbroeck.

Índice

O LIVRO DA MAIS ALTA VERDADE **3**

Prólogo *3*

Capítulo 01 ..... *4*

A justificativa deste livro. 4

Capítulo 02 ..... *5*

A mais alta doutrina. 5

Capítulo 03 ..... *6*

A união por intermediário 6

Capítulo 04 ..... *8*

Pessoas ociosas e perversas. 8

Capítulo 05 ..... *14*

A união sem intermediário 14

Capítulo 06 ..... *15*

A saúde deliciosa e o mal terrível 15

Capítulo 07 ..... *18*

Porque nem todas as pessoas boas chegam lá. 18

Capítulo 08 ..... *19*

Como deve agir a pessoa interior para chegar a alcançar a união sem intermediário 19

Capítulo 09 ..... *23*

Certas operações da graça de Deus. 23

Capítulo 10 ..... *25*

A complacência mútua das Pessoas divinas e a complacência que existe entre Deus e os justos 25

Capítulo 11 ..... *29*

Como os justos têm o amor de Deus em vista em sua contemplação e como eles são elevados até Deus 29

Capítulo 12 ..... *32*

A unidade mais elevada sem diferença ou sem distinção. 32

Capítulo 13 ..... *34*

A tríplice prece de Cristo para que possamos ser um com Deus 34

Capítulo 14 ..... *38*

A confiança no julgamento da Santa Igreja 38

ÍNDICE 41